ROBERTO GARCIA SIMÕES

Jovens sem estudar: Uves?

Qual Estado no Brasil tem o menor percentual de estudantes de 18 a 24 anos no total dessa faixa etária? Infelizmente, o último lugar é do Espírito Santo, com tão-somente 22,2%. De cada cinco jovens de 18 a 24 anos, pouco mais de um está na escola no ES (PNAD, 2009). Explode esta indagação: quais são as perspectivas de mais de 322 mil jovens que não estudam no Estado? A ausência deles da escola decorre da falta de vagas por conta da inexistência de uma “universidade estadual” (Uves)? Ou resulta de graves debilidades na educação básica? Apresento cinco pontos sobre o ensino médio, sobressaindo o que é essencial em uma política estadual para a juventude: educação.

1. Dos jovens de 19 anos, pouco mais da metade (52,1%, Pnad 2009) concluíram o ensino médio? O que faz a outra metade? Futuro? Será que esta lastimável exclusão educacional não estimula as drogas e os elevados homicídios juvenis no ES?

2. Por que os jovens de 14 a 17 anos abandonam a escola? O estudo “Motivos da Evasão Escolar” (CPS, FGV) apresenta-os para o ES (PNAD, 2006): 40% apontaram “falta de inte-

resse”. Depois, 19% alegaram “trabalho”. Portanto, não é somente a “renda” que leva à evasão. O “desinteresse” pesa nessa decisão nefasta. Por que a escola de ensino médio promove tamanho “desinteresse” e perde a centralidade no referencial de futuro da juventude? O tem que ser feito para aumentar a sua atratividade? Não conheço nenhum estudo no ES sobre essa temática crucial para a definição do investimento educacional.

3. De 2000 a 2010, as matrículas no “ensino médio regular” da rede pública estadual desabaram de 134.613 para 109.186 matrículas (Censos Escolares, Inep). Essa redução de 25 mil matrículas na rede pública estadual de ensino médio foi acompanhada pelo aumento da construção de mais de 80 escolas. O que significa esse desencontro: mais escolas médias do governo estadual, menos matrículas? Mais do que nunca, educação não é a construção “física” de escolas.

4. O Censo Escolar (INEP), a partir de 2005, apresenta dados específicos sobre “educação profissional/nível técnico” – o que tem levado a conclusões errôneas em trabalhos recentes sobre educação no ES. Como essa modalidade

abrange “estudantes de nível médio ou pessoas que possuam este nível de instrução”, os que cursam a educação profissional concomitante com o ensino médio diminuem um pouco a queda das 25 mil matrículas no ensino médio regular. No total do ensino profissional, as matrículas segundo as redes são: a) privada – triplicou de 4.728 (2005), para 14.548 (2010) – respondendo por mais de 90% do total; b) estadual – começou com 1.144 (2006), atingiu o pico de 5.152 (2007), declinou, chegando a 3.089 (2010); c) federal – oscilou entre 4,5 mil e 5 mil matrículas nos últimos seis anos. Essa repartição entre as redes será mantida?

5. A Educação de Jovens e Adultos (EJA), no nível médio, oscilou de 2000 a 2010, entre 20 mil e pouco mais de 30 mil matrículas. Mas, desde 2006, verifica-se uma redução. O que isso indica?

Diante deste quadro, deveria constar da ementa estadual o debate sobre o ensino médio público atrativo e inclusivo.

■ ■ **Roberto Garcia Simões** é professor da Ufes e especialista em políticas públicas. E-mail: robertog@npd.ufes.br